



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA  
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER E GESTÃO  
ESCOLAR: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**CLAUDIA APARECIDA ZANELA TISSOTTI**

**CONSTANTINA, RS, Brasil  
2011**

# **AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER E GESTÃO ESCOLAR: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS**

**CLAUDIA APARECIDA ZANELA TISSOTTI**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de  
**Especialista em Gestão Educacional**

**Orientadora: Professora Ana Paula da Rosa Cristino**

**Constantina, RS, Brasil**

**2011**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Curso de Pós-Graduação a Distância  
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
Aprovada a Monografia de Especialização

**AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER E GESTÃO  
ESCOLAR: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS**

**CLAUDIA APARECIDA ZANELA TISSOTTI**  
como requisito parcial para obtenção do título de  
**Especialista em Gestão Educacional**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

**Ana Paula da Rosa Cristino, Ms. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)

**Leonardo Germano Krüger, Ms. (UFSM)**

**Elaine Maria Dias do Nascimento, Ms. (UFSM)**

Constantina, RS, Brasil.  
2011

*“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”*

Paulo Freire

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que sempre me guiou em todos os momentos da minha vida e que com sua eterna misericórdia e bondade me faz crer a cada dia na vida, no amor, nas pessoas e num mundo melhor.

E a minha Orientadora Mestre Professora Ana Paula Cristino que com sua sabedoria foi fundamental para a concretização deste trabalho obrigado por toda a paciência, dedicação e motivação.

## **RESUMO**

Monografia de Especialização  
Curso de Pós-Graduação a Distância  
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional  
Universidade Federal de Santa Maria

### **AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER E GESTÃO ESCOLAR: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS**

AUTORA: CLAUDIA APARECIDA ZANELA TISSOTTI  
ORIENTADORA: ANA PAULA DA ROSA CRISTINO

Data e Local da Defesa: Constantina/RS, 17 de setembro de 2011.

Esta pesquisa objetivou analisar possíveis articulações entre a avaliação do Processo de ensinar e aprender e a gestão escolar. Para alcançar esse propósito, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: refletir sobre as práticas de avaliação da aprendizagem no cotidiano das escolas e relacionar avaliação da aprendizagem com a gestão escolar, propondo integração. Os encaminhamentos metodológicos se deram através da abordagem qualitativa e da pesquisa bibliográfica, os quais fundamentaram e analisaram as temáticas delimitadas para o estudo. Através das análises, se observou que são diversos os caminhos da avaliação da aprendizagem, alguns enfoques são mais pontuais, outros são mais reflexivos. Contudo, os processos avaliativos mais significativos são os contínuos, sistemáticos, que promovem a contextualização do conhecimento e o comprometimento de todos os envolvidos no ato de avaliar, professores e alunos, e com o apoio da família. A articulação da gestão escolar com a avaliação se dá através da unidade de ação entre todos os segmentos envolvidos na busca pela qualidade de ensino e a consolidação de uma escola democrática e cidadã.

**Palavras-chave:** Avaliação; Gestão Escolar; Aprendizagem.

## **ABSTRACT**

Specialization Monograph  
Distance Post gradation Course  
Lato-Sensu Specialization on School Management  
Universidade Federal de Santa Maria

### **TEACHING LEARNING PROCESS EVALUATION AND THE SCHOOL MANAGEMENT: CONVERGENCES AND DIVERGENCES**

AUTHOR : CLAUDIA APARECIDA ZANELA TISSOTTI

ADVISOR: ANA PAULA DA ROSA CRISTINO

Date and Place of Defense: Constantina/RS, 17 September,2011

This research aimed at analyzing the possible articulations between the evaluation of the teaching process and learning the school management. In order to reach this purpose one established the following specific aims: reflect about the practices learning evaluation in the school day to day and to relate the learning evaluation to the school management proposing an integration. The methodological referrals happened through the qualitative approach and the bibliographical research which gave basis and analyzed the themes delimited by the study. Through these analyses one observed that the ways are several to the learning evaluation, some focuses are more punctual, others more reflexive. However, the evaluation processes are more significant if continuous, systematic that promote the contextualization of the knowledge and the commitment of all the people involved in the act of evaluating, teachers and students and with the support of their families. The articulation of the school management with the evaluation happens through the action of all the organizations involved in the search for teaching quality and the consolidation of a democratic and citizen school.

Key words : Evaluation, School Management, Learning

## **LISTA DE SIGLAS**

CE - Ceará

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

PPP - Projeto Político Pedagógico.

RS – Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 GESTÃO ESCOLAR E AVALIAÇÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM: APONTAMENTOS INICIAIS .....</b>	<b>12</b>
1.1 Considerações iniciais .....	12
1.2 Objetivos .....	15
1.2.1 Objetivo geral .....	15
1.2.2 Objetivos específicos .....	15
1.3 Encaminhamentos metodológicos .....	15
1.3.1 Caracterização teórico-metodológica: Abordagem qualitativa .....	15
1.3.2 Procedimentos Metodológicos: Pesquisa Bibliográfica .....	16
<b>CAPÍTULO 2 A GESTÃO ESCOLAR EM BUSCA DE UMA AVALIAÇÃO TRANSFORMADORA .....</b>	<b>18</b>
2.1 A avaliação do ensino-aprendizagem no contexto educativo .....	18
.....	21
2.2 Avaliação e Gestão Escolar: perspectivas para uma escola democrática .....	
<b>CAPÍTULO 3 REFLEXÕES SOBRE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E GESTÃO ESCOLAR .....</b>	<b>25</b>
<b>APRENDIZAGEM E GESTÃO ESCOLAR .....</b>	<b>25</b>
3.1 Os diversos caminhos da avaliação do ensino e aprendizagem .....	30
3.2 Articulações entre Gestão Escolar, Qualidade do Ensino e Avaliação da Aprendizagem	
	<b>34</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	

## APRESENTAÇÃO

A presente monografia surge a partir da necessidade de se compreender a avaliação como parte de um processo de ação x reflexão x ação, capaz de incluir educandos e educadores. Através da percepção sobre complexidade do ato avaliativo e as implicações sócio-pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem é possível contribuir com o progresso individual e coletivo de uma turma de aluno. Também, a avaliação é importante na transformação social dos indivíduos. Estas constatações vêm da minha experiência como professora formada em Pedagogia Séries Iniciais e Educação Infantil.

Atuei em escolas municipais de Constantina (RS) por treze anos, já trabalhei com várias turmas desde a Educação Infantil até o quinto ano do Ensino Fundamental e fiz parte da equipe diretiva de uma escola nos anos 2009 e 2010, na função de Coordenadora Pedagógica. Foi uma experiência muito importante para minha carreira profissional. Foram muitas aprendizagens e foi por esse motivo que iniciei o Curso de Especialização em Gestão Educacional, para adquirir novos conhecimentos e conseguir melhorar minha prática.

O município de Constantina (RS) possui projetos interessantes, entre eles, as escolas municipais trabalham com “Escola Cidadã”, baseado em Paulo Freire, no qual cada instituição se apresenta como um todo e conta com a participação dos diversos segmentos envolvidos no processo educativo para o bem do aluno e da sua aprendizagem. É um projeto excelente, pois coloca o professor diante do aluno e faz com que se conheça toda sua história de vida e trabalhe de acordo com seus interesses e realidade. Valoriza-se muito sua cultura e os assuntos de interesse do educando.

Nesse sentido, defendo que a avaliação pode ser participativa, avaliando-se o aluno como um todo na escola. Então, pelos anos de experiência profissional trabalhados nesse Projeto, pude observar que a avaliação escolar vem sendo tratada como um assunto pertinente, por professores, pais e alunos.

Precisamos evoluir junto ao desenvolvimento da educação, tornando o educador um sujeito atuante e participativo nas transformações cotidianas. Enfrentar

as mudanças com sabedoria, contribuindo com o processo de ensino, aprendizagem e com o progresso de nossa educação.

Sabemos que as mudanças são constantes e a cada dia surge algo novo que desafia os educadores e as escolas, que estão comprometidos e preocupados com esses grandes desafios. Entre eles, se encontra a avaliação processual e os fatores sociais que interferem no processo de formação.

Sempre atuei na escola buscando fazer o melhor para contribuir com o processo educacional. Como integrante da equipe gestora sendo Coordenadora Pedagógica, senti a necessidade de estudar com profundidade a avaliação da aprendizagem para poder fazer melhor meu trabalho.

Através dessa motivação fiz cursos, a salientar uma Especialização Interdisciplinar de Educação Infantil e todo o Ensino Fundamental através do Portal Faculdades de Passo Fundo/RS.

O Curso de Especialização em Gestão Educacional por sua vez, veio para que eu abrangesse minha compreensão sobre os diversos temas que compõem a educação e suas implicações na organização da escola.

Por essas motivações, realizei este estudo bibliográfico, buscando em vários autores compreender as temáticas da avaliação de ensino e aprendizagem e a gestão escolar, seus possíveis entrelaçamentos e contrapontos.

Sendo assim, apresento no meu trabalho de pesquisa um estudo referente a avaliação da aprendizagem e a gestão escolar, buscando debater como podemos atuar de maneira democrática na organização de uma escola, através de um processo de avaliação voltado para as especificidades do conteúdo, em uma perspectiva institucional.

Para contemplar as questões inicialmente apontadas aqui, a pesquisa está organizada em três capítulos. O primeiro trata da introdução das temáticas e dos encaminhamentos metodológicos. O segundo capítulo fundamenta conceitos sobre a avaliação do ensino e aprendizagem e a gestão escolar. Por fim, no terceiro capítulo, são desenvolvidas análises de acordo com os objetivos específicos propostos para o estudo.

# **CAPÍTULO 1 GESTÃO ESCOLAR E AVALIAÇÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM**

## **1.1 Considerações iniciais**

Ao longo da história, a educação vem passando por inúmeras transformações, todas muito importantes, buscando ser uma nova escola que contribui para o desenvolvimento da consciência cidadã. Essa contribuição surge com muitas mudanças na organização da escola, incluindo uma gestão responsável baseada na solidariedade, cooperação, participação crítica e criatividade. Além de poder contar com uma proposta pedagógica de qualidade que atenda as necessidades e expectativas da comunidade onde a escola está inserida.

A construção de um processo de gestão centrado nos valores e princípios democráticos é tarefa política e educativa da escola, que representa uma das mais importantes e essenciais atividades públicas e constitui locus de formação do cidadão como ser social histórico sujeito de relações. O trabalho de todos como gestores, sejam diretores, coordenadores pedagógicos, orientadores, professores de sala de aula é inerente ao processo pedagógico da escola. Nesse sentido, não existe fórmulas para uma gestão compartilhada, ela se constrói no decorrer do processo e não se limita somente no administrativo. Segundo Libâneo Oliveira Toschi:

A participação significa, portanto a intervenção dos profissionais da educação e dos usuários( alunos e pais) na gestão da escola. Há dois sentidos de participação articulados entre si. A de caráter mais interno, como meio de conquista da autonomia da escola, professores, dos alunos, constituindo prática formativa, isto é elemento pedagógico, curricular, organizacional; e a de caráter mais externo, que os profissionais da escola, alunos e pais compartilham, institucionalmente, certos processos de tomada de decisões (2007, p 48).

Também, pressupõe autonomia para que a escola nas decisões escolares, possa estabelecer novas maneiras de se organizar ao buscar a compartilhando as formação para a cidadania. Sabemos que a formação para a cidadania implica na colaboração e participação de todos os envolvidos no processo de ensino e também na avaliação da aprendizagem. Nesta construção coletiva tem grande relevância as

modificações no processo avaliativo, inovar para melhorar a aprendizagem dos alunos. Não esquecendo que para que haja mudanças no processo de ensino, para que todas essas transformações realmente aconteçam, os gestores precisam se preparar para o novo libertando suas marcas autoritárias e tradicionais.

Precisamente para ser um bom gestor precisa manter-se unido com todas as pessoas que fazem parte da comunidade escolar, ser um bom líder para realmente alcançar êxito em seus projetos e organização escolar.

Isso só será possível no momento em que a gestão compartilhada for viabilizadora de um projeto político pedagógico de qualidade que espelhe a vontade política dos envolvidos no processo. Nessa perspectiva, esse processo estará de acordo com as propostas de uma gestão democrática.

Para Libâneo Oliveira Toschi:

A participação é o principal meio de assegurar a gestão democrática, possibilitando o envolvimento de todos os integrantes da escola no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar. A participação proporciona melhor conhecimento dos objetivos e das metas da escola, de sua estrutura organizacional e de sua dinâmica, de suas relações com a comunidade, e propicia um clima de trabalho favorável e maior aproximação entre professores, alunos e pais (2007, p. 49)

Nesse sentido, em termos de avaliação, esta precisa se voltar para a cidadania, que valoriza a realidade onde a escola está inserida, buscando melhorar a qualidade do ensino e conseqüentemente, a qualidade da aprendizagem. Para isso, necessita de ter um planejamento e um projeto político pedagógico que esteja de acordo com a realidade onde a escola está inserida. Segundo Veiga:

A qualidade da educação não depende apenas de uma gestão democrática, mas de um planejamento participativo e de um projeto pedagógico eficiente e contextualizado com a realidade da escola. (2001, p. 34).

Podemos constatar este planejamento e as relações existentes entre a gestão e a avaliação quando os diretores, coordenadores pedagógicos, orientadores e professores de sala de aula estão preparados e têm sua maneira de trabalhar de forma mais aberta integrando a comunidade escolar em seu plano gestor. Uma educação onde não basta o aluno estar na escola, mas em uma escola de qualidade buscando formar o aluno para o mercado de trabalho, com criticidade e responsabilidade para atuar na sociedade.

[...] a Gestão Democrática da Educação é hoje um valor já consagrado no prática educacional brasileira e mundial. É indubitável sua importância como um recurso de participação humana e de formação para a cidadania (VEIGA, 2001, p. 167).

É imprescindível destacar as articulações que precisam existir entre todos os gestores para com o processo de avaliação e da aprendizagem. Principalmente entre os orientadores, coordenadores e professores de sala de aula, com a ajuda do diretor. Planejar junto com os professores metodologias para o desenvolvimento da aprendizagem, dar condições para a organização destas ideias através de reuniões, espaço na escola para trocas de experiências e tempo para pesquisar, além de manter contato direto com os alunos para poder acompanhar a realização dos combinados e metodologias utilizadas pelo educador.

Portanto, cabe aos gestores articular através do planejamento escolar uma maneira adequada para tornar o processo avaliativo mais envolvente e com diferentes estratégias para envolver o aluno com diferentes maneiras avaliativas, não deixando somente uma prova, por exemplo, servir como referência para toda a avaliação. Fazer o professor perceber que é na escola que se vive um momento de construções de propostas para a definição do cotidiano da avaliação e isso acontecer é necessário um trabalho participativo entre professores e alunos.

Embora a avaliação esteja a serviço da gestão escolar, desperta tanta resistência na maior parte das pessoas porque, tradicionalmente, ela tem sido usada como um instrumento de controle para adequar as características dos indivíduos às exigências de dadas situações ou circunstâncias. No entanto, o problema não é da avaliação, mas do uso que dela se fez. Na realidade, avaliar é condição essencial de qualquer ação intencional. Se arquitetarmos algo, com determinados objetivos, como saber se os resultados esperados foram alcançados? É através da avaliação que se revela se a escola está cumprindo seu real papel e oferecendo educação de qualidade, sendo parte essencial do trabalho docente a elaboração participativa e colaborativa do planejamento escolar (DAVIS, 2002).

Hoje podemos ver como estas transformações no espaço escolar estão acontecendo. Está havendo maiores preocupações dos professores com o processo avaliativo. Existe um maior interesse de todos os envolvidos no processo de avaliação da aprendizagem buscando fazer com que o aluno realmente aprenda, não simplesmente para obter nota, e sim participando das atividades escolares a fim de aprender com maior responsabilidade.

De forma pertinente, considera que a avaliação institucional visa aperfeiçoar a qualidade do ensino, da aprendizagem e da gestão institucional, com o objetivo maior de transformar a escola contemporânea em uma instituição comprometida com a aprendizagem de todos, visando a construção de uma sociedade mais participativa, responsável e democrática (BELLONI; FERNADES, 2000, p.35).

Considerando os aspectos acima comentados, elaboramos a seguinte questão norteadora para conduzir a pesquisa: Quais as possíveis articulações entre a avaliação do ensino- aprendizagem e a gestão escolar ?

## **1.2 Objetivos**

### **1.2.1 Objetivo geral**

Analisar possíveis articulações entre a avaliação do ensino- aprendizagem e a gestão escolar.

### **1.2.1 Objetivos específicos**

Refletir sobre as práticas de avaliação da aprendizagem no cotidiano das escolas.

Relacionar avaliação da aprendizagem com a gestão escolar, propondo vias de integração.

## **1.3 Encaminhamentos Metodológicos**

### **1.3.1 Caracterização teórico-metodológica: abordagem qualitativa**

A pesquisa melhora nossa compreensão da realidade e ajuda a ampliar a consciência profissional, melhorando assim a prática escolar desde que fundamentada em objetivos a serem alcançados para que a partir dos resultados, consigamos construir novas possibilidades que nos ajudem no cotidiano escolar.

É o caminho do pensamento a ser seguido. Ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade (MINAYO, 2003, p. 16-18)

Pesquisa qualitativa significa, na esteira de nossa argumentação, o esforço jeitoso de formalização perante a realidade. Trata-se de uma consciência crítica da propensão formalizaste da ciência, sabendo indigitar suas virtudes e vazios. A pesquisa qualitativa dedica-se mais a aspectos qualitativos da realidade, ou seja, olha prioritariamente para eles, sem desprezar os aspectos também quantitativos. E vice-versa (DEMO, 1995)

A pesquisa é assim, a atividade básica da ciência na sua construção da realidade. A pesquisa qualitativa nesse sentido, trata-se de uma atividade da ciência que visa a construção da realidade, mas que se preocupa com as ciências sociais em um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de crenças, valores, significados e outros construto profundos das relações que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (GODOY, 1995).

Ressalta-se que, desde então, o debate entre defensores das abordagens quantitativa ou qualitativa começa a diminuir, registrando-se uma valorização da pesquisa em ciências sociais (GODOY, 1995).

Por esse motivo, esta pesquisa cujas temáticas são avaliação da aprendizagem e gestão escolar, surge para analisar os referidos elementos que são bastante significativos na organização da escola. Para isso, investe-se na pesquisa qualitativa que se fundamenta em descrições detalhadas de situações. Neste tipo de pesquisa é importante também a identificação conceitual de valores encontrados. Sendo assim, os assuntos já destacados nesta pesquisa, são relacionados ao desenvolvimento da educação.

Com essa abordagem metodológica, objetiva-se contribuir para ampliação dos referidos temas, através dos significados atribuídos aos mesmos. Portanto, se trata de uma fundamentação teórica problematizando e descrevendo o processo de avaliação relacionado com a gestão escolar.

### **1.3.2 Procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica**

Pesquisar em educação é algo essencial para melhores conhecimentos, principalmente porque hoje novas informações surgem diariamente e precisamos estudar para desenvolver com maior segurança nossa prática profissional. Neste contexto, a pesquisa bibliográfica é um procedimento bastante utilizado por pesquisadores.

A pesquisa bibliográfica é “o primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação” (MACEDO, 1994, p.13). Permite ao pesquisador adquirir novos saberes por intermédio de livros, documentos, internet e tantos outros meios que facilitam estudos.

Para Macedo (1994), a pesquisa bibliográfica é dividida em conceito restrito e conceito amplo. No conceito restrito, o pesquisador faz a seleção de documentos que estejam profundamente relacionados com o problema de sua pesquisa e fichamentos das referências utilizadas.

No conceito amplo, a pesquisa bibliográfica é compreendida como o plano total inicial de qualquer trabalho. Neste, são envolvidos inúmeros procedimentos metodológicos, divididos em etapas como: identificação e localização de documentos para a pesquisa; preparação de temas e subtemas do trabalho (como forma de organização); fichamento e resumo do material lido, entre outros. Também a partir da reflexão pessoal após pesquisa e levantamento de dados, organizar as ideias sobre o assunto que está sendo pesquisado (MACEDO, 1994).

Para Malheiros (2011), a pesquisa bibliográfica levanta o conhecimento disponível na área, possibilitando que o pesquisador conheça as teorias produzidas, analisando-as e avaliando sua contribuição para compreender ou explicar o seu problema objeto de investigação.

É uma pesquisa na qual o investigador possui a liberdade de escolher os autores que mais gostou para a coleta de informações. Dá a possibilidade de verificar as discordâncias entre a opção escolhida para realizar o estudo além de baixos custos para realizá-lo, sendo uma fonte rica e estável de informações. Cabe ao pesquisador escolher a melhor metodologia para desenvolver seu trabalho. Por isso, a necessidade de conhecer as características da pesquisa bibliográfica para saber aplicá-la.

## **CAPÍTULO 2 A GESTÃO ESCOLAR EM BUSCA DE UMA AVALIAÇÃO TRANSFORMADORA**

### **2.1 A avaliação do ensino- aprendizagem no contexto educativo**

No decorrer das últimas décadas, a avaliação vem sendo objeto de estudo, reflexões e pesquisas na busca de alternativas em prol da solução de problemas polêmicos de prática escolar.

Falar sobre avaliação é uma tarefa difícil por gerar controvérsias entre educandos, educadores, pais e demais segmentos ligados direta ou indiretamente ao processo de ensino-aprendizagem. Querer perpetuar ou transformar? Punir ou incentivar? Promover ou levar ao fracasso? Estas são perguntas fundamentais ao avaliar os alunos.

O problema maior é a padronização que se impõe aos alunos. São vistos como iguais e, desta maneira, não há respeito pelo processo de construção individual. Em algumas situações, rotula-se a todos como se imagina que deveriam ser, ou como se prefere acreditar, para não ser preciso lidar com a diversidade e as diferenças particulares. Poderia haver uma reorganização das ideias entre professores e alunos, ambos necessitam mudar para chegarmos a um novo paradigma de ações educativas. Como afirma Hoffmann:

[...] perspectiva da ação avaliativa como uma das mediações pela qual se encorajaria a reorganização do saber. Ação, movimento, provocação, na tentativa de reciprocidade intelectual entre os elementos da ação educativa. Professor e aluno buscando coordenar seus pontos de vista, trocando idéias, reorganizando-as (HOFFMANN, 1991, p. 67).

Atualmente, muito se tem investido e pensado sobre avaliação e o papel do professor neste processo. Acredita-se que a questão principal não está centrada somente na avaliação, mas no modo como o aluno aprende. É preciso desapegar a cultura enraizada no conteúdo e no ano letivo com tempo pré-determinado e finito para que a aprendizagem ocorra.

Percebe-se o avaliar e, o educar como um processo de inclusão e, sendo assim, torna-se um ato amoroso como na opinião de Luckesi (1998, p. 171-173):

O ato amoroso é aquele que acolhe a situação, na sua verdade (como ela é). Assim, manifesta-se o ato amoroso consigo mesmo e com os outros. O

mandamento "ama o teu próximo como a ti mesmo" implica o ato amoroso que, em primeiro lugar, inclui a si mesmo e, nessa medida, pode incluir os outros. O ato amoroso é um ato que acolhe atos, ações, alegrias e dores *tomo* eles são; acolhe para permitir que cada coisa seja o que é, neste momento. Por acolher a situação como ela é, o ato amoroso tem a característica de não julgar. Julgamentos aparecerão, mas, evidentemente, para dar curso à vida (à ação) e não para excluí-la. Defino a avaliação da aprendizagem como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo.

Como incluir sem modificar a lógica imposta? Para isso, o professor precisa conhecer, participar, elaborar, incumbir-se do processo político-pedagógico da escola onde trabalha. Independentemente da filosofia da mantedora, deve postar-se como um cidadão crítico que analisa e define se a proposta é a mais adequada frente aos seus valores.

Entende-se por avaliação um processo contínuo visando o conhecimento intelectual e humano, fazendo uso dos mais diversos instrumentos acontecendo simultaneamente com o ensinar e o aprender. Isso significa que dia após dia, através do ano letivo, devem ser feitas apreciações contínuas e constantes tanto pelos educandos como pelos educadores. Para Gadotti (1995), conhecimento é um processo de descoberta coletiva, mobilizada pelo diálogo entre educador e educando. O professor deve ser mediador comprometendo-se de libertar a pessoa de pré-conceitos, impulsionando-o para a transformação.

Pode ser uma avaliação formativa quando ajuda a perceber os avanços e as dificuldades de manifestação ao longo do processo, podendo ser sanadas ou refeitas a tempo sem prejudicar o aluno. Sua função é de informar sempre o que está acontecendo, sendo esta informação mais que descritiva, deve ser realmente avaliativa, para então serem tomadas as decisões necessárias.

"É formativa toda a avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo" (PERRENOUD, 1999, p.103).

Para ser diagnóstica, em todo o decorrer do processo. Uma diagnose que depende de diálogo, que não se configura como instrumento legítimo sem essa premissa. Mesmo o médico, não pode ter uma opinião unilateral e tomar medidas sem o histórico do seu paciente, suas sensações, suas impressões, suas opiniões, para prosseguir com um tratamento. A avaliação, na sua forma, é fruto de negociações e cumplicidade dos seus autores.

Segundo Barbosa:

Uma vez estabelecidos os procedimentos de avaliação, os instrumentos e as medidas, a atribuição de conceitos e sua aplicação, ou seja, as classificações segundo determinados padrões, passam a ser vistos como atividades técnicas e neutras ao invés de formas interpretativas e expressivas das relações sociais que estão incorporadas dentro da própria idéia de avaliação (2011, p. 2).

Conforme Luckesi (2007), todos os segmentos têm suas atenções centradas na promoção, ou não, do estudante de uma série de escolaridade para outra. O sistema de ensino está interessado nos percentuais de aprovação, reprovação do total dos educandos; os pais estão desejosos que seus filhos avancem nas séries de escolaridade; os gestores buscam fazer um direcionamento e verificam a idéia dos professores para tentar compreender o que está dando certo e o que está precisando melhorar no processo avaliativo e os professores se utilizam permanentemente dos procedimentos de avaliação como elementos motivadores dos estudantes.

Os alunos têm sua atenção centrada na formação. Ao iniciar um ano letivo, de imediato, estão interessados em saber como se dará o processo de promoção no final do período escolar. Procuram saber as normas e os modelos pelos quais as notas serão obtidas para a promoção de uma série para outra.

Muitas vezes, a prática educativa se pauta por uma “pedagogia do exame”. Se os alunos estão indo bem nas provas e obtêm boas notas, os outros aspectos muitas vezes nem são levados em conta pelos professores (LUCKESI, 1998, p. 21).

De fato avaliar é preciso Tudo é avaliação e viver é interpretar, dar sentido ao mundo. Não há como estar no mundo sem ser avaliador, pois o próprio sujeito institui valores e, para estes valores existem avaliações que definem o valor do valor. Nessa perspectiva a verdade não existe, já que tudo é interpretação e essas interpretações também são uma produção, uma criação, segundo a perspectiva de um avaliador. Assim, as interpretações diferentes são resultado de diferentes pontos de vista, de diferentes posições, de diferentes perspectivas... Só existem perspectivas múltiplas, divergentes, refratárias a totalização e à integração (FONTOURA, 2006, p 43 - 44).

Uma das principais funções da avaliação da aprendizagem está no auxílio à construção da aprendizagem satisfatória; porém, como ela ainda, em várias escolas, está centralizada nas provas e exames, secundariza o significado do ensino em si mesmo e superestima os exames (LUCKESI, 2007, p. 25).

Perrenoud (1999) ressalta que, observar e avaliar os alunos tendo em vista uma formação progressiva deve ser o papel do professor, inserindo a avaliação no contexto diário da sala de aula, considerando que o ato de avaliar é um processo contínuo e jamais o estágio final da mesma. A avaliação pode ser manifestada no

instante em que se registra a nota, o conceito ou parecer, mas ela igualmente precisa ocorrer a cada dia, em todos os minutos. Apresentar sempre aos alunos seus projetos de avaliação progressiva e seus critérios.

O importante é integrar avaliação contínua e processual, avaliar para ensinar melhor, não mais separar avaliação de aprendizagem como fonte de informações ou de hipóteses preciosas para delimitar melhor os conhecimentos e a atuação dos alunos, bem como o nível de desenvolvimento dos mesmos.

## **2.2 Avaliação e Gestão Escolar : perspectivas para uma escola democrática**

Quando falamos da história da educação brasileira percebemos as grandes transformações que ocorreram e os diversos fatores e acontecimentos que contribuíram até os dias atuais.

Sabemos que a escola tem papel importante na formação ética e moral do aluno, exercitando seu papel de cidadão consciente e democrático, atuante em uma sociedade capitalista. Para isso, todos como gestores necessitam do compromisso ético e profissional na busca de alternativas educacionais democráticas para atuar nossas escolas.

Se a verdadeira democracia caracteriza-se, dentre outras coisas, pela participação ativa dos cidadãos na vida pública, considerados não apenas como “titulares de direito”, mas também como “criadores de novos direitos”, é preciso que a educação se preocupe com dotar-lhes das capacidades culturais exigidas para exercerem essas atribuições, justificando-se portanto a necessidade de a escola pública cuidar, de forma planejada e não apenas difusa, de uma autêntica formação do democrata (PARO, 2000, p. 78).

A maior dificuldade que se tem hoje, na discussão sobre a gestão escolar, é defender a ideia de uma escola democrática, é o seu entendimento que determina o quanto se pode compreender sobre os vários aspectos e as várias dimensões que gestão escolar que influenciam o processo de avaliação escolar.

A gestão escolar, além de ser uma das funções do processo organizacional, é um imperativo social e pedagógico. A escola mais uma vez assume uma função social muito importante à medida que funciona como aparelho ideológico e precisa atender às demandas da sociedade emergente. Neste sentido o gestor escolar tem um grande desafio, que é o de integrar consciente e criticamente a escola, seus alunos e professores no universo da sociedade do conhecimento (DAVIS, 2002).

Por sua vez, Libâneo Oliveira e Toschi (2007, p.263) afirmam que:

[...] uma escola bem organizada e gerida é aquela que cria e assegura as melhores condições organizacionais, operacionais e pedagógicas de desempenho profissional dos professores, de modo que seus alunos tenham efetivas possibilidades de serem bem sucedidos em suas aprendizagens.

Para Lück (2008, p. 98), "a gestão é um conceito associado à democratização das instituições e o reconhecimento de que todos são responsáveis pelo conjunto de ações realizadas e seus resultados". Neste sentido, a gestão participativa implica em um processo de mobilização social pela melhoria da qualidade do ensino e de vida de toda a sua comunidade escolar, cumprindo com ânimo e entusiasmo, todas as ações que competem à escola e aos gestores.

Sua função envolve atividades de mobilização, de motivação e de coordenação. Dirigir uma escola implica colocar em ação os elementos do processo organizacional (planejamento, organização, avaliação) de forma integrada e articulada. Assim, o gestor é a figura que deve possuir e liderança, no clima de organização da escola que pressupõe a liberdade de decidir no processo educativo e não nos gabinetes burocráticos (BORGES, 2008, p.83).

Poder contar com a ajuda de todas as pessoas envolvidas no processo educativo todos os pais, alunos, funcionários, professores e equipe gestora abrir-se caminho para a descentralização, isto é, o compartilhamento de responsabilidades. E a construir assim uma educação mais humanizada onde possam ser discutidas e decididos juntos todos os processos e a organização da escola.

Neste sentido, a avaliação vai sendo constituída como um processo que indaga os resultados apresentados, os caminhos percorridos, os percursos previstos e as relações estabelecidas entre pessoas, saberes, informações, fatos e contextos. Olhar para a sala de aula e a escola como um todo exige a reconsideração desses aspectos, onde a heterogeneidade possa expressar num movimento simultâneo, individual e coletivo em que o espaço ordenado e o processo previsto sejam frequentemente atravessados pela desordem aos padrões demarcados.

"A turbulência surge porque todos os componentes de um movimento estão conectados entre si, e cada um deles depende de todos os demais, e a realimentação entre eles produz mais elementos" (BRIGGS; PEAT, 1994, p. 52).

Sendo parte de um processo, que exige de todos uma contribuição, a gestão democrática abrange co-participação, exige comprometimento, auto-avaliação de todos que vivem esse processo, análise crítica das ações: que facilitam e orientam o replanejamento, a elaboração e desenvolvimento de projetos coletivos e acima de

tudo o aprimoramento das relações escolares.

Para Libâneo Oliveira Toschi (2007, p.337), “a organização e a gestão do trabalho escolar requerem o constante aperfeiçoamento profissional - político, científico, pedagógico - de toda a equipe”.

Se o cotidiano é o maior horizonte da avaliação, a configuração do sistema educacional é um emaranhado de fatores burocráticos. Existem leis, pareceres, resoluções que regem a organização do ensino nas escolas; existem regimentos e determinações que regem a ação do professor na sala de aula; existem as exigências dos professores aos alunos decorrentes dessa configuração. E existe uma gestão escolar que poderá ser positiva ou negativa na organização de todo o processo que tomar consciência desse jogo de poder é essencial à reconstrução do significado da avaliação. Não é o especialista em gabinete, afastado da docência e do contexto da sala de aula, que terá condições de conduzir estudos avaliativos inovadores. “É a partir da ação coletiva e consensual dos professores que isso poderá acontecer (HOFFMANN, 1998, p. 90)”.

Compreender e reconduzir a avaliação em uma perspectiva construtivista e libertadora exige uma ação coletiva nas escolas e demais sistemas educacionais, no sentido de uma profunda revisão de significado político relativo às exigências burocráticas dos sistemas municipais, estaduais e federais de educação, tendo em vista a problemática que se configura na medida em que se amplia a contradição entre o discurso e a prática dos educadores.

Segundo Hoffmann (1998), embora alguns educadores ainda relacionem a ação avaliativa à prática das provas finais e atribuições de graus classificatórios, existem tantos outros que criticam o significado dessa prática nos debates em torno do assunto.

A questão central está em outro lugar: trata-se de garantir o envolvimento do aluno com a proposta pedagógica para que venha a aprender de fato. O estímulo do aluno para estudar deve vir fundamentalmente do seu envolvimento com a proposta de trabalho, refletindo sobre os instrumentos utilizados e que garantirão maior autonomia, descentralização e fortalecimento, demonstrando assim mais criatividade e compreensão promovendo maior integração do aluno no processo diminuindo assim a divisão do trabalho e o isolamento dos professores na discussão e organização do processo de avaliação.

O processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos organizados sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilem ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções. A escola precisa ser um espaço privilegiado de formação continuada do professor, e as reuniões pedagógicas devem ser um momento de construção, de se trocar sucessos e erros, do exercício da crítica, do estudo e da reflexão, da realização de novas formas de ação na sala de aula, um espaço especial para a construção da autonomia do professor (LIBÂNEO OLIVEIRA TOSCHI, 2007).

Esse processo pressupõe contar com a ajuda do Projeto Político-Pedagógico com o apoio da equipe gestora e demais envolvidos no processo educativo, caminhando juntos numa construção coletiva, sincronizada e abrangente, comprometendo todos os segmentos da comunidade escolar.

Acompanhando a ideia de Luckesi (1998, p.125), referente a relação da gestão escolar e professores quanto a avaliação: “[...] será, então, um sistema de crítica do próprio projeto que elaboramos e estamos desejando levar adiante”.

Para tanto, haverá uma interligação total no andamento da organização escolar seguido de uma gestão escolar com planejamento acompanhado pela equipe gestora, professores engajados no processo de aprendizagem, com vistas à qualidade e valorizando cada um de nossos alunos e professores ensinando e formando pessoas atuantes para atuarem no mundo com responsabilidade e criticidade.

## **CAPÍTULO 3 REFLEXÕES SOBRE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E GESTÃO ESCOLAR**

### **3.1 Os diversos caminhos da avaliação de ensino e aprendizagem**

A avaliação está em constante transformação como uma ação pedagógica de construção social de qualidade, de acordo com os compromissos coletivamente concebidos. Nesse sentido, cabe respeitar a complexidade, a singularidade e a inter-relação do fenômeno educativo. O valor central é formativo e as constantes mudanças melhoram os entendimentos e a maneira de pensar e agir dos profissionais da educação e também dos educandos se mostrando não como meros receptores, mas sim como integrantes do processo, pois a avaliação faz parte do cotidiano escolar como apresenta Dalben:

A avaliação se faz presente em todos os domínios da atividade humana. O “julgar”, o “comparar”, isto é, “o avaliar” faz parte de nosso cotidiano, seja através das reflexões informal que orientam as freqüentes opções do dia-a-dia ou, formalmente, através da reflexão organizada e sistemática que define a tomada de decisões (DALBEN, 2005, p. 66).

No entanto, em qualquer nível de ensino em que ocorra, a avaliação não existe e não opera por si mesma; está sempre a serviço de um projeto ou de um conceito teórico, ou seja, é determinada pelas concepções que fundamentam a proposta de ensino, como afirma Caldeira 1997, p.122:

A avaliação escolar é um meio e não um fim em si mesma; está delimitada por uma determinada teoria e por uma determinada prática pedagógica. Ela não ocorre num vazio conceitual, mas está dimensionada por um modelo teórico de sociedade, de homem, de educação e, conseqüentemente, de ensino e de aprendizagem, expresso na teoria e na prática pedagógica (p. 122).

Essa ideia de que avaliar o processo de ensino e de aprendizagem não é uma atividade neutra ou destituída de intencionalidade nos faz compreender que há um estatuto político e epistemológico que dá suporte a esse processo de ensinar e de aprender que acontece na prática pedagógica na qual a avaliação se inscreve (ESTEBAN, 2002)

A avaliação dentro de uma visão de um mundo globalizado está cada vez mais desigual, principalmente com os que não tiveram oportunidades de estudar ou de fazerem cursos técnicos ou profissionalizantes, porém precisamos contribuir para

criar a escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, em que se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim á vida (FREIRE, 2003).

Cabe a nós professores debruçar-nos e dirigirmos um olhar reflexivo sobre a avaliação e sobre seu significado enquanto atividade humana e intencional. As atividades são as formas com as quais o sujeito se relaciona com o mundo, impulsionado por motivos e fins a serem alcançados. Avaliar é uma atividade intrínseca e indissociável a qualquer tipo de ação que vise a provocar mudanças (DARSIE, 1995).

Assim mais do que nunca está se pensando em melhorias na educação e principalmente ações que buscam contribuir com o processo da avaliação escolar junto com os gestores articulando as maneiras mais condizentes para uma escola mais humanitária e democrática.

No âmbito da escola, vive-se um momento de construção de propostas para a redefinição do cotidiano e a avaliação é uma questão crucial nesse processo. Segundo Esteban (2002, p.11), as alternativas que se apresentam oscilam em três perspectivas:

- 1) retorno ao padrão rígido definido pela avaliação quantitativa. Avalia-se através da quantificação do desempenho cognitivo e das habilidades adquiridas,
- 2) consolidação de um modelo híbrido. Avalia-se a partir do modelo qualitativo e agrupa propostas da quantificação dos resultados.
- 3) A construção de uma avaliação democrática imersa em uma pedagogia de inclusão. Engloba alternativas de avaliação que são pensadas como parte de um processo de construção de uma pedagogia multicultural e democrática que vislumbra a escola. Essa é a percepção que defendemos e queremos. (ESTEBAN 2002, p.11),

Na primeira perspectiva, o tema central do discurso é a qualidade da educação, avaliada através da quantificação do desempenho cognitivo e das habilidades adquiridas, ou do conhecimento que foi transmitido aos alunos e retidos por eles. Esta perspectiva aproxima-se de avaliações como Prova Brasil, entre outros.

O estabelecimento de uma avaliação nacional pressiona no sentido da homogeneização curricular, pois todos os alunos e alunas devem ter acesso a conteúdos iguais para que tenham as “mesmas oportunidades” em um processo de

avaliação padronizado. A dinâmica da sala de aula está delimitada aos procedimentos que possam favorecer a produtividade.

De acordo com Esteban:

Tanto alunos e alunas quanto professores e professoras estão aprisionados pela lógica seletiva da avaliação escolar, que não tem como objeto o processo de conhecimento (2002, p. 110).

A segunda perspectiva por sua vez, traz a redefinição do processo de avaliação, ainda que dê continuidade a dinâmica estabelecida a partir do modelo quantitativo e agrupa propostas que embora possam apresentar intencionalidades distintas, muitas vezes opostas, desencadeiam práticas com consequências semelhantes. Segundo Both (2011), constroem um discurso crítico à concepção de avaliação como quantificação dos resultados, compartilham a afirmação que são sujeitos históricos e sociais.

Conforme Esteban esse modelo híbrido engloba duas perspectivas distintas:

A primeira delas não abandonou a idéia de que a avaliação deva ser um instrumento de controle, adaptação e seleção, ainda que o controle deva ocorrer por meio de mecanismos cada vez menos visíveis, de modo a adquirir uma aparência democrática. A seleção, nesse caso, deve ser o resultado de um processo que analise o sujeito em sua complexidade, atuando no sentido de adaptá-lo ao seu lugar na hierarquia social. A outra perspectiva tem, como objetivo, romper com sistema de controle e de agregação, mas ainda não encontrou os aspectos-chave que devem ser transformados, por isso propõe modificações superficiais, ainda que aparentemente indique mudanças profundas (2002 p. 13)

Já a terceira perspectiva busca uma avaliação democrática, que encontram-se em processos não consolidados nem completamente definidos. Ela engloba alternativas de avaliação que são pensadas como parte de um processo de construção de uma pedagogia multicultural e democrática que vislumbra a escola. Implica numa mudança radical na lógica que conduz as práticas de avaliação porque supõe substituir a lógica da inclusão, que se baseia na homogeneidade real. É essa perspectiva que defendemos.

Segundo Esteban:

Essas mudanças não podem ser impostas, precisam ser construídas cotidianamente de modo que a perspectiva democrática vá impregnando as práticas, sendo incorporada pelo senso comum, convencendo as pessoas e se constituindo como consenso (2002, p.187).

Para exemplificar situações relacionadas com a perspectiva acima, comentamos a seguir duas experiências relacionadas com avaliação. A primeira relatada por Santos (2011) que pesquisou professores, pais e alunos em escolas de uma regional da Secretaria Estadual de Educação do Ceará (CE). De acordo com esta pesquisa, a avaliação pressupõe que seus instrumentos promovam o desenvolvimento e reflexão para professores e alunos. Através da avaliação, por um lado o professor identifica a melhor direção para o processo de construção do conhecimento e por outro, os alunos passam a compreender que o aprender não é pontual, pois diariamente na sala de aula são organizadas atividades para que ocorra a continuidade da aprendizagem (SANTOS, 2011).

Entre os resultados da referida pesquisa encontram-se, a compreensão dos pais sobre a aprendizagem, sendo que no grupo pesquisado, a preocupação e a expectativa em uma semana de provas é partilhada com os filhos, os professores observaram uma relação direta entre melhor compreensão do conteúdo e consequente sucesso na avaliação, com a contextualização do conteúdo e o acompanhamento da família. As respostas dos alunos indicaram que para eles o estudo diário é um desafio; contudo, concordam com as avaliações existentes, pois através delas compreendem o andamento das suas aprendizagens e também, têm consciência de que a avaliação é necessária para avançarem nos estudos (SANTOS, 2011).

Além da pesquisa acima apresentada, cabe citar a experiência desenvolvida através do Projeto “Escola Cidadã” no município de Constantina (RS). A “Escola Cidadã” baseia-se nos estudos de Paulo Freire e considera que esta instituição precisa se assumir como um centro para o desenvolvimento de direitos e de deveres para todos os que nela se inserem, o que caracteriza a formação para a cidadania. A Escola Cidadã viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela:

Ela não pode ser uma escola cidadã em si e para si. Ela é cidadã na medida mesma em que se exercita na construção da cidadania de quem usa seu espaço. A escola Cidadã é uma escola coerente com a liberdade. É coerente com seu discurso formador, libertador. É toda escola que, brigando para ser ela mesma, luta para que os educandos-educadores também sejam eles mesmos. E como ninguém pode ser só, a Escola Cidadã é uma escola de comunidade, de companheirismo. É uma escola de produção comum do saber e da liberdade. É uma escola que vive a experiência tensa da democracia (CONSTANTINA, 2007. p. 3)

O Projeto Escola Cidadã concebe a avaliação da aprendizagem e do desenvolvimento do aluno na perspectiva crítico-emancipatória. A avaliação é

processual integrada e educativa, procurando objetivar necessidades e dificuldades com a finalidade de reorientar o trabalho pedagógico do professor e da escola, as aprendizagens e atitudes do educando e da turma, na perspectiva crítico-emancipatória. Avalia avanços e dificuldades de aprendizagens em relação aos objetivos propostos, os conhecimentos construídos e os valores desenvolvidos por meio de atitudes manifestadas. A avaliação acontece com trabalhos orais, escritos, individuais e coletivos; observações das atitudes e dos avanços e dificuldades de aprendizagem. A avaliação dá-se processualmente e o seu registro é mantido no “ Documento de Avaliação do Educando”, organizado por cada professor de sala de aula.

Nesse contexto a avaliação municipal passa pela orientação de quatro eixos estruturais da educação:

- a) Aprender a Conhecer: diagnosticar as dificuldades encontradas no processo de aprendizagem nos aspectos cognitivos, culturais sociais, biológicos e afetivos, a fim de acompanhar o desenvolvimento do educando; despertando a capacidade de avaliar a si mesmo.
- b) Aprender a fazer: interferir no processo educativo de forma a redirecionar todo o trabalho e a prática pedagógica para que seja garantida a aprendizagem fundamental.
- c) Aprender a Viver Juntos: ampliar as possibilidades de aprendizagem desenvolvendo o conhecimento do outro, a percepção das interdependências, procurando-se identificar as conquistas e dificuldades dos alunos, professores e toda gestão pedagógica e administrativa.
- d) Aprender a Ser: promover uma educação comprometida com o desenvolvimento total da pessoa, promovendo a formação do educando como cidadão autônomo, crítico e participativo no contexto social, político e profissional, para a obtenção de novos conhecimentos (CONSTANTINA, 2007, p. 14)

As condições acima apresentam o diferencial de um projeto que traduz as características locais em busca da participação e a democracia. Também é relevante realçar que nas duas experiências, da pesquisa do Ceará (CE) e do Projeto em Constantina (RS), está presente a preocupação com uma avaliação que indique a situação do aluno, na mesma proporção que o prepare para a realidade de forma crítica, com a presença fundamental das parcerias, promovendo a comunicação entre os diversos segmentos da escola.

Todas as considerações aqui comentadas indicam a necessidade de rompimento com diversos fenômenos, entre eles o da padronização. Isto porque inclusive a atual LDB traz em seu texto que a avaliação precisa aproximar-se da aprendizagem, e servir para selecionar ações mais mediadoras e formativas. Sendo assim, avaliação precisa ter a sensibilidade de valorizar no aluno a relação entre ele

e o conteúdo a ser estudado, a confiança e o pleno desenvolvimento nas suas capacidades e principalmente, a mediação como fator primeiro a constituir o processo educativo.

### **3.2 Articulações entre Gestão Escolar, qualidade do ensino e Avaliação da Aprendizagem**

Hoje nas escolas, a avaliação é mais um elemento que contribui com o processo de ensino e aprendizagem, além de avaliar o aluno como um todo na escola, melhorando assim a qualidade de ensino. Com isso, promove uma escola inovadora na qual todos os profissionais envolvidos no processo educativo como gestores, pais e alunos participem ativamente no processo da avaliação caminhando assim para uma gestão mais humana e democrática.

A gestão democrática é condicionante imprescindível da qualidade. Faz-se necessário, por sua vez, que a comunidade, os usuários da escola sejam os seus dirigentes e gestores. Na gestão democrática pais, alunos, professores e funcionários assumem sua parte de responsabilidade pelo projeto da escola (GADOTTI, 2000, p.75).

O autor acima afirma que há pelo menos duas razões que justificam a implantação de um processo de gestão democrática. A primeira dessas razões é porque “a escola deve formar para a cidadania e a segunda razão consiste no fato de que a gestão democrática pode melhorar o que é específico da escola: o ensino. A participação pertence à própria natureza do ato pedagógico” (GADOTTI, 2000, p.46).

A função primordial da gestão escolar, baseada na liderança e competência, é manter a escola em atividades harmoniosas, participativas e produtivas, delegando, acompanhando e exigindo tarefas com autenticidade e ponderação, transformando o discurso em ação. “Assim como a essência da gestão é fazer a instituição operar com harmonia, a gestão depende, em grande parte, do exercício da liderança”. (ANDRADE, 2004, p. 17).

Essas características podem ser evidenciadas quando um professor torna-se respeitado pelo conhecimento que possui do conteúdo e pela capacidade que possui de diagnosticar as necessidades da turma. Para tanto, é preciso que se estabeleça uma relação de mediação, na qual professor e aluno construam o processo de aprendizagem. Tal parceria favorece a inovação pedagógica e amplia as

oportunidades de aprendizagem, tanto quanto oportuniza a utilização de diversos instrumentos avaliativos. Também entrelaça esses dois elementos (aprendizagem e avaliação), que são essenciais para a efetivação da ação educativa.

Nesse sentido, como bem indica Lück (2006, p. 15) “é pela gestão que se estabelece unidade, direcionamento, ímpeto, consistência e coerência a ação educacional, a partir do paradigma, ideário e estratégias adotadas para tanto”. Em suma, aperfeiçoa-se e qualifica-se a gestão para maximizar as oportunidades de formação e aprendizagem dos alunos. A boa gestão é, pois identificada, em última instância, por esses resultados.

Uma gestão democrática e participativa significa usar de todas as oportunidades que ela oferece, tanto para realizar práticas como para aprender condutas com elas. Mais importante do que os resultados práticos imediatos da gestão democrática é a aprendizagem para vida pessoal e social. Afinal, a escola não é uma oficina produtiva, mas sim um lugar de aprendizagem e desenvolvimento. “O mais importante na vida escolar não é o ganhar ou o perder, mas o aprender a ser e o aprender a viver juntos, para o bem-estar de si mesmo e do outro, com qualidade” (LUCKESI, 1998, p. 15).

A Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 redirecionou as formas de organização e gestão. A esse respeito, a referida Lei estabelece o princípio da gestão democrática, ou seja, a necessidade de que a gestão das escolas se efetive por meio de processos coletivos envolvendo a participação da comunidade local e escolar. Assim, por gestão democrática entendemos a garantia de mecanismos e condições para que espaços de participação, partilhamento e descentralização do poder ocorram (BRASIL, 1997).

Desse modo, a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 ao encaminhar para os sistemas de ensino as normas para a gestão democrática, indica dois instrumentos fundamentais: a elaboração do Projeto Político-Pedagógico da escola e a participação das comunidades escolar e local em Conselhos Escolares ou equivalentes (BRASIL, 1997).

Uma vez dispostos instrumentos para a efetivação da gestão democrática, as políticas educativas deveriam investir também, de acordo com Fernandes (2008, p.289):

[...] na valorização da avaliação que se faz dentro das salas de aula, pois só assim poderemos um dia vir a caracterizar de forma mais abrangente e profunda, o que os alunos realmente sabem e são capazes de fazer.

De acordo com Perrenoud (1999), não existe avaliação sem relação social e comunicação. Esse é um grande desafio para as escolas, pois se observa com certa frequência a conversão das diferenças em desigualdades. Essa conversão se dá em especial, em situações nas quais o conteúdo está afastado da compreensão do contexto da escola.

Para superar essas situações, a avaliação que acontece dentro da sala de aula, precisa valorizar o posicionamento do aluno, tornando os instrumentos avaliativos participativos e reflexivos. O lugar do professor é do mediador, porém o aluno precisa responsabilizar-se mais por sua avaliação

Essas sugestões vão ao encontro a uma escola democrática e cidadã, preocupada com uma avaliação voltada à aprendizagem do aluno. A compreensão de uma educação para e pela cidadania remete às considerações de Paulo Freire:

A escola cidadã é aquela que assume como um centro de direitos e deveres. O que a caracteriza é a formação para a cidadania. A escola cidadã, então, é a escola que viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela. Ela não pode ser uma escola cidadã em si e para si. Ela é cidadã na mesma medida em que se exercita na construção da cidadania de quem usa seu espaço. É uma escola coerente com a liberdade. É coerente com o seu discurso formador, libertador [...] (FREIRE, 1996, p.66).

Tanto na sua concepção quanto nas suas práticas, a escola cidadã se traduz por diferentes nomes e características próprias. Compreende principalmente a autonomia da escola como estratégia de qualidade do ensino e a construção da cidadania como prática pedagógica valorizando o aluno como um todo, trabalhando a partir de falas significativas a partir da realidade onde a escola está inserida. Compreende principalmente o planejamento participativo, a autonomia da escola como estratégia de qualidade de ensino e a construção da cidadania.

Freire complementa:

A educação apresenta limites e possibilidades, por isso Paulo Freire diz que a eficácia da educação está em seus limites e lembra aos educadores progressistas que a “educação não é a alavanca da transformação da sociedade, mas sabem também o papel que ela tem nesse processo”. A tarefa do educador progressista é desocultar verdades, jamais mentir. Pois, cabe aos educadores e educadoras progressistas, armados de clareza e decisão política, de coerência, de competência pedagógica e científica, da necessária sabedora que percebe as relações entre táticas e estratégias não se deixarem intimidar (2003, p. 100).

As novas formas de gestão escolar precisam se aproximar de um projeto político pedagógico, como prática cotidiana da democracia e exercício coerente dela, capaz de se estender às demais vivências da cidadania.

Por esse caminho também a avaliação tornar-se-ia uma via mais justa para professores e estudantes, por valorizar o trajeto da aprendizagem e as evoluções decorrentes desse andamento. Conforme Leite; Kager (2009), o aluno precisa ser o referencial para a organização do trabalho pedagógico. Esses autores destacam algo interessante no que diz respeito às marcas produzidas pelo fenômeno avaliativo, entre elas a do fracasso escolar. Por isso, a organização de um percurso avaliativo precisa se basear nas condições de aprendizagem do aluno, preocupação que deveria ser assumida também pelos sistemas de ensino, que por vezes adotam procedimentos avaliativos pontuais e que não favorecem a apropriação do conhecimento.

Com os encaminhamentos aqui descritos, a escola estaria dentro de uma concepção que ilumina o seu fazer como uma práxis "democrática, popular, rigorosa, séria, respeitadora e estimuladora da presença popular nos destinos da escola." (FREIRE, 2003). Nesse contexto, se constitui uma efetiva educação democrática que reconhece a escola como o lugar social de se viver, experimentar e construir a verdadeira democracia, através dos diversos elementos que a compõem, entre eles a avaliação e a gestão escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa foi possível conhecer alguns aspectos da realidade prática avaliativa e de como a gestão escolar pode influenciar neste processo, participando ativamente de todos os acontecimentos e organizações da escola e que envolvem os educandos.

As interpretações e resultados sobre avaliação da aprendizagem e gestão escolar são diversas, é possível determinar a influência de uma gestão escolar na prática avaliativa, através do acompanhamento das aprendizagens ou em caráter mais definitivo, através de melhores resultados que passem a permear a vida escolar.

Entre as divergências se encontram práticas avaliativas voltadas para a padronização das aprendizagens, que não favorecem a flexibilização dos conteúdos. Essas práticas podem acontecer tanto em nível de sistema de ensino, quanto na própria sala de aula. Ainda que processos mais participativos venham ganhando espaço nas escolas, estas práticas ainda seguem difundidas. A existência de tais posturas mediante a avaliação, em geral estão relacionadas com a gestão e organização das escolas.

Nesse sentido, a convergência se relaciona com uma gestão democrática e participativa. A ação de todos como gestores, seja o diretor, o coordenador, o orientador, o professor de sala de aula em parceria, possibilitam a preparação de um ensino focado na aprendizagem viva, criativa, experimentadora, presencial, virtual, ajudando a aprender desenvolvendo menos aulas informativas e mais atividades de pesquisa, experimentação, projetos que desenvolvem situações instigantes, desafios, que levem o aluno a construir seus conceitos de forma criativa e transformadora.

E fundamental que nesse processo de mudança a escola busque a unidade entre todos os segmentos, onde cada um sinta-se responsável em transformar a educação procurando tornar os sujeitos autônomos, criativos e participativos, estabelecendo relações democráticas na escola, que impliquem em atitudes e posturas que desenvolvam os contextos nos quais elas convivem.

As mudanças nas escolas só irão acontecer de fato quando da existência de uma organização do trabalho pedagógico fruto da construção de todos, trabalhando em conjunto avaliando e reconstruindo seus projetos, planejamentos e planos de forma democrática.

Os meios burocráticos são necessários em alguns aspectos para a organização da escola, porém a mesma precisa se fundamentar na perspectiva de uma gestão voltada para as pessoas. Uma escola participativa e democrática investirá em práticas pedagógicas dialógicas e reflexivas, assim como valorizará o seu potencial humano, enfatizando a cidadania.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. C. de. **A gestão da escola**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BARBOSA, A. et alii. **Algumas reflexões sobre o processo de avaliação do curso de administração realizada na UFV**. Disponível em: <[http://www.angrad.org.br/area\\_cientifica/artigos/algumas\\_reflexoes\\_sobre\\_o\\_processo\\_de\\_avaliacao\\_do\\_curso\\_de\\_administracao\\_realizado\\_na\\_ufv/420/](http://www.angrad.org.br/area_cientifica/artigos/algumas_reflexoes_sobre_o_processo_de_avaliacao_do_curso_de_administracao_realizado_na_ufv/420/)>. Acessado em julho de 2011.

BELLONI, I.; FERNANDES, M. E. A. **Como Desenvolver a Avaliação Institucional da Escola**. Programa Nacional de Capacitação à Distância Para Gestores Escolares. Módulo 9. Brasília: Consed, 2000.

BOTH, S. J. **Educação e diversidade: A avaliação de História no ensino público em Tangará da Serra-MT**. Disponível em: <[http://www.eseba.ufu.br/arquivos/anais/trabalhos\\_Completos/Eixo\\_2/Sergio\\_Both\\_-\\_Educacao\\_e\\_Diversidade.pdf](http://www.eseba.ufu.br/arquivos/anais/trabalhos_Completos/Eixo_2/Sergio_Both_-_Educacao_e_Diversidade.pdf)>. Acessado em agosto de 2011.

BORGES, H. da S.. **Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar**. Manaus: Edições UEA Ed. Valer, 2008.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. (Lei Darcy Ribeiro) e legislação correlata. São Paulo: EDIPRO, 1997.

BRIGGS, J.; PEAT, F. **David.Espejo y reflejo: del caos al orden**. Barcelona: Gedisa, 1994.

CALDEIRA, A. M. S. Avaliação e processo de ensino aprendizagem. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v. 3, p. 53-61, 1997.

CONSTANTINA. **Projeto Escola Cidadã**. Secretaria de Município da Educação, 2007.

DALBEN, de F. Avaliação escolar. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 11, n. 64, s/p, 2005.

DARSIE, M. M. P. Avaliação e Aprendizagem. **Caderno de Pesquisa** – Fundação Carlos Chagas. São Paulo. n.99, p. 47 -59, 1995.

DAVIS, C. (Org). **Gestão da Escola: desafios a enfrentar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. Atlas, São Paulo, 1995

ESTEBAN, M T. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FERNANDES, D. Algumas reflexões acerca dos saberes dos alunos em Portugal. **Educ. Soc.** Campinas, v. 29, n. 102, p. 275-296, 2008.

FREIRE, P. **Política e educação: ensaios**, 7.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FONTOURA, A. R. As relações poder/saber no currículo e na avaliação escolar. **Dissertação de Mestrado**. Ijuí. UNIJUÍ, 2006.

\_\_\_\_\_. **A importância do Ato de Ler**. Em três artigos que se completam, 40<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Autonomia da escola: princípios e propostas**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.

\_\_\_\_\_. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995

HOFFMANN, J. M. L. **Contos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

\_\_\_\_\_. Avaliação: mito e desafio-uma perspectiva construtivista. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 1991.

LEITE, S. A. da S.; KAGER. S. Efeitos aversivos das práticas de avaliação da aprendizagem escolar. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.** Rio de Janeiro, v. 17, n. 62. p. 109-134, 2009.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. de; TOSCHI, M. S. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LÜCK, H. **Gestão Educacional: uma questão paradigmática**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Gestão Democrática da escola, ética e sala de aula**. ABC Educatio, n. 64. São Paulo: Criarp, 2007.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. 2 ed. rev. São Paulo: Loyola, 1994.

MALHEIROS, M. R. T. L. **Pesquisa na Graduação**. Disponível: <em:www.profwillian.com/\_diversos/download/prof/marciarita/esquisa\_na\_Graduacao.pdf>. Acessado em 27 de abril de 2011.

MINAYO, M.C. de S. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, L. M. **O desafio da educação para um novo tempo**. 2. ed. Rio de Janeiro, 1999.

PARO, V. H. **Administração escolar**: São Paulo: Autores Associados, 2000.

PERRENOUD, P. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SANTOS, W.N. **O Papel da avaliação da Aprendizagem no Ensino Fundamental aplicada na região da CREDE 07**. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/o-papel-da-avaliacao-da-aprendizagem-no-ensino-fundamental-aplicada-na-regiao-da-crede-o7-588946.html>>. Acessado em agosto de 2011.

VEIGA, I. P.(org). **Projeto político-pedagógico da escola**: Uma construção possível.13.ed. Campinas: Papirus, 2001